crianças desenvolverem suas habilidades e suas potências. As sessões heurísticas permitem às crianças inúmeras possibilidades, ao longo de suas ações desenvolvem o raciocínio lógico e o pensamento crítico, tudo isso, enquanto oportunizam experiências exploratórias.

A brincadeira livre pode transformar as práticas pedagógicas com as crianças pequenas. O educador tem o papel de planejador, organizador, facilitador e observador. As crianças devem ficar livres para explorar os objetos espontaneamente, ao professor cabe o olhar atento e a escuta ativa como ferramenta para um registro fiel.

A brincadeira é usada pelas crianças para perceber e descobrir o ambiente. Brincando os pequenos percebem o mundo, seu funcionamento, se desenvolvem, experimenta e aprende. A criança, ao brincar, produz sons, cria noções espaciais, desenvolve a fala, a comunicação e a motricidade, auxiliando no seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS:

DA SILVA MEIRELLES, Darciana; HORN, Maria da Graça Souza. O brincar heurístico: uma potente abordagem para descoberta do mundo1. Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos.

DE AZEVEDO, Janete Izabel Alves Coutinho. O cesto dos tesouros e o brincar heurístico: Uma proposta de prática educativa para bebês de 08 a 14.

FA N TA CH OLI, Fabiane Das Neves; O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras – Um Olhar Psicopedagógico. Revista Científica Aprender, 5° edição 12/2011.

HANSEN, Janete et al. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. Journal of Human Growth and Development, v. 17, n. 2, p. 133-143, 2007.

JACKSON, Sônia; GOLDSCHMIED, Elinor. Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche.

Porto Alegre: Artmed, 2006.

MAJEM, Tere; ÒDENA, Pepa. Descobrir brincando. São Paulo: Autores Associados, 2010.

MEIRELLES, Darciana da Silva. Brincar heurístico: a brincadeira livre e espontânea das crianças de 0 a 3 anos de idade. 2016.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.

GESTÃO ESCOLAR E PANDEMIA:

DESAFIOS DO GESTOR ESCOLAR BRASILEIRO

SANDRA REGINA AUGUSTA GOMES

RESUMO

Há um ideal comum de que a escola existe por um todo, onde diversos núcleos estão correlacionados e diretamente interligados para que seu pleno funcionamento se estabeleça positivamente em prol de uma missão, também, conjunta: a educação. Entretanto, dentro desse relacionamento, sempre existiram diversas questões estruturais que permeiam cada uma das funções. Neste texto, nosso objetivo é focar no trabalho do gestor escolar e nas questões estruturais e sociais que ele enfrenta no contexto de pandemia decorrente da crise sanitária provocada pelo coronavírus. Além de considerarmos os problemas enfrentados por esses profissionais no Brasil pré- pandemia, apontaremos as dificuldades que eles enfrentam durante as mudanças atuais. É importante destacar que no período de produção deste artigo, a sociedade brasileira ainda enfrentava medidas restritivas para conter o avanço da doença. Metodologicamente, utilizamos

revisão bibliográfica de textos e matérias online, tanto para pesquisa e organização das ideias, quanto para o levantamento de informações. Nosso objetivo é contribuir para essa discussão tão pertinente de um problema que tem trazido diversos transtornos.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão escolar; Pandemia; Coronavírus; Educação.

INTRODUÇÃO

Há um ideal comum de que a escola existe por um todo. Afinal, é um equívoco pensar que o desempenho da escola se expressa exclusivamente nos resultados da aprendizagem que são obtidos nas disciplinas e que é fruto exclusivo do trabalho dos professores (ALONSO, 2004). Sendo um todo, diversos núcleos estão correlacionados e diretamente interligados para que seu pleno funcionamento se estabeleça positivamente em prol de uma missão, também, conjunta: a educação. Entretanto, dentro desse relacionamento, sempre existiram diversas questões estruturais que permeiam cada uma das funções dos profissionais de educação.

Neste texto, o objetivo é focar no trabalho do gestor escolar e nas questões estruturais e sociais que ele enfrenta. A princípio, Oliveira e Guimarães (2013) apontam que um dos maiores problemas enfrentados pelos gestores escolares pode está em seus desvios de função, o que acaba revelando uma ausência de identidade profissional. Além disso, os autores apontam outra dificuldade significativa que corresponde aos altos índices de evasão e repetência escolar.

Franco (2008), por sua vez, apresenta suas conclusões acerca da percepção de sentimentos de aflição, exaustão e angustia em muitos profissionais, relacionados aos problemas de estrutura que a profissão enfrenta. É possível concluir através de Oliveira e Guimarães (2013) que o perigo dessa problemática se dá no fato de que o coordenador pedagógico é o principal elo entre a escola e a família.

Entretanto, a partir do ano de 2020, toda a vida comum da população mundial se viu em transformação imediata decorrente a uma crise sanitária provocada pelo Coronavírus. Neste contexto, além dos problemas comuns ao que o profissional já vivenciava, uma nova rotina limitada em restrições sociais para conter o avanço da doença trouxe novas perspectivas, dificuldades e necessidades de adaptação. É considerando esses dois cenários: a vida escolar pré-pandemia de COVID-19 e a vida escolar durante todas essas transformações, que pautamos nossa discussão. É importante destacar, porém, que durante o período de produção deste artigo, a sociedade brasileira ainda enfrentava medidas restritivas para conter o avanço da doença.

Metodologicamente, utilizamos revisão bibliográfica de trabalhos, entrevistas e matérias jornalísticas online, tanto para a pesquisa e o levantamento de informações, quanto para a organização dos argumentos. De modo geral, nosso objetivo é contribuir para essa discussão tão necessária e pertinente, oriunda de um contexto social totalmente novo e que rompeu as relações sociais que conhecíamos e sempre vivenciamos no Brasil e no mundo.

GESTÃO ESCOLAR E PANDEMIA

Aqui, o objetivo é elencar alguns dos diversos desafios e problemas enfrentados pela equipe escolar ao longo de sua rotina de trabalho. Para isso, e a nível de organização, a seção está subdividida em dois tópicos, sendo o primeiro uma discussão acerca de algumas questões estruturais e sociais que o gestor escolar enfrenta em sua rotina comum de trabalho; e a segunda, algumas das questões estruturais e sociais enfrentadas por ele durante a pandemia provocada pelo Coronavírus.

Gestão escolar: rotina e desafios.

Para se compreender a rotina de um profissional, é importante conhecer quais são suas funções e quais são as competências exigidas por sua profissão, além de conhecer os desafios que ele precisa enfrentar ao

longo de sua vida profissional, pois é através desses conhecimentos que soluções são encontradas e seu aperfeiçoamento pode ser trabalhado com cuidado. Escolhemos dialogar sobre duas questões importantes dessa rotina: a indisciplina e a relação que a escola tem com a tecnologia.

Um dos principais problemas do gestor escolar, alega França (2018), está relacionado à definição de seu papel dentro da escola. Para a autora, embora isso signifique que este profissional possa sofrer com uma sobrecarga de funções, existe um peso estratégico em sua atividade quando se considera sua capacidade de garantir uma boa relação interpessoal entre os diferentes grupos envolvidos na educação.

A autora desenha que os princípios do coordenador escolar são pautados em formação, articulação e transformação, visto que o trabalho administrativo, bem como embasa Alonso (2004), somente ganha sentido a partir das atividades pedagógicas que constituem as atividades-fim ou os propósitos da organização da escola. Ao especificar as oito funções desempenhadas pelo gestor escolar, França (2018) aponta: 1) A garantia da formação continuada dos docentes; 2) A verificação da conexão entre teoria e prática; 3) O incentivo para o trabalho em grupo; 4) A necessidade de ouvir e guiar os professores; 5) A garantia de uma boa comunicação;

6) A inserção de novas formas de pensar às práticas escolares; 7) A liderança; e 8) A necessidade de avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

Assim como França (2018), Lück (2013) dialoga acerca das competências do trabalho dos gestores, apontando que existem algumas especificações dentro de tais competências que precisam ser observadas. Entre elas, está a importância de se considerar a ideia de que “gestão por competência” traz um ideal cujo foco administrativo deve ser, ou é, voltado para uma questão por vez. Para a professora, a gestão é uma ação que integra todos os componentes educacionais e o principal responsável por essa integração é justamente o profissional, pois são as pessoas que fazem a diferença quando aperfeiçoam suas próprias competências pessoais e profissionais. É por esse motivo, afinal, que a formação inicial do gestor escolar precisa ser contínua (OLIVEIRA, GUIMARÃES, 2013) e é exatamente por isso, afirma Lück (2013), que o termo “gestão por competência” se mostraria redundante.

A indisciplina escolar é outro problema importante que está presente na rotina das escolas. Rodrigues, Gomes e Marques (2012) entendem que ela é uma temática bastante presente no cotidiano educacional, principalmente no que diz respeito ao trabalho do docente. Afirmam que o comportamento que foge das regras disciplinares é um fator compartilhado por todas as instituições de ensino. E se baseiam em argumentos da literatura que enfatizam que a multifatorialidade que compõe a indisciplina em sala de aula é especial responsabilidade da escola e do docente.

Para os autores, de modo geral, a fundamentação teórica de seu trabalho revela que existe uma ausência de ferramentas adequadas para o docente gerir a indisciplina, pois tal gerenciamento envolve sua conceituação. O conceito de indisciplina, afirmam, além de ser variável para diferentes docentes, pode influenciar diretamente em sua administração da sala de aula.

Já para Silva, Muzardo e Jardim (2015) o ato de ensinar deve ser compreendido de uma forma contextualizada no tempo e no espaço e procuram discutir as ações realizadas em sala de aula que tenham o objetivo de fornecer condições para que os professores realizem seu trabalho. Os autores pontuam informações acerca da cultura escolar e compartilham argumentos voltados para a possibilidade de existir certa resistência à gestão escolar de sala de aula quando esta está ligada à ideia negativa que comumente se faz entre gestão, controle e disciplina. Apresentam, porém, conceitos da literatura que afirmam que gerir e controlar são termos erroneamente utilizados como sinônimos, quando na realidade, dizem respeito a as-

pectos diferentes.

Apontam ainda que a disciplina apesar de não ser o único elemento importante da gestão escolar, é uma questão que preocupa os professores, sendo uma de suas maiores dificuldades. Os autores destacam a necessidade de diferenciar a gestão de sala de aula de outras ações dos professores (tais como a motivação e a instrução).

Consideram, portanto, que a gestão de sala de aula refere-se às ações desenvolvidas para criar e manter um ambiente de aprendizado efetivo. Embora acreditem que ela não seja o objetivo principal do professor, reconhecem que é fundamental para a obtenção dos resultados educacionais propostos e esperados pela escola.

Ainda que a questão da indisciplina escolar esteja ligada à necessidade da participação do docente, muitas das soluções apontadas para esse problema está diretamente associada à formação do professor e ao seu preparo para lidar com ela na sala de aula. Como visto no início dessa discussão, França (2018) assegura a importância do acompanhamento do gestor escolar e seu acolhimento para com o professor em suas dificuldades profissionais, garantindo suporte em sua formação e preparo adequado, pois esta relação é fundamental para que se possa obter resultados positivos na escola.

Outra questão importante e de grande apelo para a rotina escolar está relacionada à inclusão da tecnologia. Moreira e Kramer (2007) questionam o papel das novas tecnologias na educação, argumentando que para atingir uma educação de qualidade, é preciso atender às demandas de uma visão crítica dos processos escolares e dos usos apropriados e criteriosos dessas novas tecnologias. Para a discussão, os autores abordam os efeitos da globalização no processo educativo, discutem noções de qualidade e relevância na educação e tratam da qualidade na formação de professores, onde buscam refletir sobre os desafios a serem enfrentados na escola.

Os autores chamam atenção para o fato de que conceber professores e gestores como intelectuais contribui para repensar a escola. Chamam, porém, a necessidade de rever e reverter práticas em que os professores sejam transformados em subordinados a métodos, discursos oficiais, receituários pedagógicos ou equipamentos tecnológicos.

Por outro lado, Prata (2010) argumenta que não podemos mais compreender o trabalho de gestão escolar apenas como aquele que controla o orçamento e mantém a disciplina, coordena professores e o pessoal administrativo garantindo o cumprimento dos dias letivos, mas devemos pensar em um modelo administrativo que esteja integrado às questões pedagógicas, pois todas as ações devem focar na educação. Para isto, a autora aposta na integração de tecnologias tais como TV, Vídeos, computadores e internet. O que, para ela, pode promover mudanças bastantes significativas na organização e no cotidiano da escola, assim como na maneira como a aprendizagem é processada pelos alunos.

A autora segue argumentando que permitir o acesso dessas informações, permite que a equipe realize comunicação a grandes distâncias de uma forma rápida, além de buscar soluções cada vez mais atuais e eficientes para os problemas da escola e desenvolver novos níveis de relacionamento. Para isto, “o primeiro passo é a capacitação dos profissionais da educação” (PRATA, 2010, p. 1), porque a autora acredita que toda a comunidade escolar tem um papel fundamental neste processo, onde os professores se encontram na função de exploração das tecnologias disponíveis, os pedagogos desempenhando seu papel para integrar e enriquecer as práticas pedagógicas e os gestores na função de buscar formas de gerenciamento que facilitem a inserção da tecnologia no cotidiano da escola.

Neste contexto, Alonso (2004) acredita que qualquer decisão aparentemente administrativa tem consequências pedagógicas, já que ela compartilha da ideia de que é preciso haver consciência de que não se pode administrar, se não houver um sistema

de informação eficiente para que sejam tomadas as medidas necessárias. Trabalhar com o auxílio da tecnologia, para ela, significa adquirir a consciência de que é preciso buscar novos caminhos para avançar na direção de uma escola mais eficiente e democrática, aberta à diversidade de pensamentos e culturas.

Gestão escolar: mudanças em tempos de pandemia.

É inevitável pensar que sendo uma ferramenta social, a escola, por si só, não enfrente processos naturais de mudanças, pois como argumenta Alonso (2004), essa visão da escola como um sistema fechado é totalmente incompatível com as exigências de uma sociedade que se caracteriza por um movimento de mudança acelerada e desconcertante.

No ano de 2020, entretanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou o mundo para uma doença (COVID-19) infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). A doença causa diversos sintomas, sendo eles: febre, cansaço, tosse seca e outros sintomas que variam em dores de cabeça e garganta, diarreia, perda do paladar ou olfato, entre outros. Em casos mais graves, apresenta-se problemas sérios de respiração e comprometimento pulmonar, levando à necessidade de internação em Unidades de Terapia Intensiva (UTI). A COVID-19, embora ainda mais perigosa para determinados grupos tais como idosos e pessoas que sofrem com comorbidades como diabetes, hipertensão, problemas cardíacos e pulmonares, assim como o câncer, oferece risco de contágio para qualquer pessoa.

Por esse motivo, e também pela característica de rápido contágio populacional, podendo levar à superlotação de unidades de saúde, sendo agravado ainda pela experiência totalmente desconhecida de núcleos sociais, políticos e de saúde pública, a pandemia causada pelo coronavírus exigiu medidas de contenção que mudaram totalmente a rotina que todos conhecemos. O mundo precisou estreitar relações, adotar distanciamento social, flexibilizar serviços e adotar com ainda mais cautela medidas de higiene.

No caso das escolas, a situação alterou não só a vida de estudantes, mas também de professores, gestores, pedagogos e diversos outros profissionais envolvidos com o seu pleno funcionamento. Justamente por ser um cenário totalmente novo, diversas questões acerca de como o mundo funcionará em contexto de distanciamento surgem de maneira inevitável. Nesta seção, como especificado anteriormente, o objetivo é discutir brevemente algumas das dificuldades enfrentadas pelos gestores em suas rotinas normais de trabalho e as questões com este novo cenário, onde a escola e os gestores precisam se adaptar de maneira imediata, contornando a surpresa dentro de suas próprias limitações. Afinal, onde antes eram processos naturais de mudança e transição, agora tornou-se quase uma imposição.

Neste novo cenário social, Martins e Almeida (2020) apontam as iniciativas e propostas educacionais diferenciadas que foram adotadas. Entre elas, o parecer favorável à possibilidade de cômputo de atividades pedagógicas não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, emitido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 28 de abril de 2020. Além disso, apontam para a proposta de parecer sobre a reorganização do Calendário Escolar homologado pelo Ministério da Educação (MEC) despachado em 29 de maio de 2020, em razão da Pandemia da COVID-19. Apontam ainda, o Protocolo de Biossegurança lançado pelo MEC onde apresenta medidas de prevenção e segurança às instituições que planejam o retorno presencial das aulas, o que resultou em cada instituição possuindo autonomia para definir seu próprio retorno, sem deixar de considerar o que for determinado pelas autoridades locais.

Peres (2020) argumenta que o objetivo é refletir e analisar a atual realidade da gestão escolar e da gestão da sala de aula, visando propor alternativas a serem consideradas nesse novo contexto socioeducacional. A autora afirma que a alternativa de

cursos virtuais é uma nova experiência que passa a se constituir em uma das únicas opções capazes de não interromper o processo de ensino e aprendizagem escolar. Porém, diante de tal possibilidade, revela-se a precariedade socioeducacional brasileira expostas em vulnerabilidades tais como carências econômicas, habitacionais e sanitárias.

Ainda que Martins e Almeida (2020) reconheçam que o ensino remoto possa ser um caminho para a complementação da vida escolar dos brasileiros onde se pode manter contato e pensar em conteúdos interdisciplinarmente em uma formação cidadã, Peres (2020) levanta questionamentos relacionados às reais possibilidades e a eficácia do processo de ensino e aprendizagem durante o período de pandemia e pós-pandemia. Alegando que essa nova realidade educacional exigirá novas competências profissionais que implicarão na disponibilidade e no interesse da formação em serviço, além da formação inicial diferenciada do educador para a gestão escolar e a gestão da nova sala de aula. A autora aponta que nesse novo contexto socioeducacional, passa-se a conviver com preocupações ligadas a questão prioritária da saúde física e emocional, além de que com a desestabilização das questões educacionais provocada pela repentina suspensão das aulas presenciais e proposição de aulas em ambientes virtuais.

Sobre o foco de análise desde artigo, ou seja, os desafios dos gestores escolares, Peres (2020) destaca novas responsabilidades para eles, onde além de gestar, passam a enfrentar novas exigências sociais relacionadas aos protocolos de saúde, as exigências educacionais legais e as queixas e reivindicações das famílias. O gestor, alega a autora, além da constante preocupação com as melhorias dos índices educacionais, passou a se preocupar com a transposição das aulas presenciais para aulas em ambientes virtuais, bem como na convivência com a constante expectativa do retorno ao convício social e pela adaptação da escola à nova realidade, que consiste em uma readequação do calendário escolar, na possibilidade de retorno gradual e de trabalhar com uma porcentagem reduzida de alunos em sala de aula, pois será preciso o cuidado em manter a ausência de profissionais do grupo de risco. Outro ponto importante destacado pela autora está na interrupção que a pandemia causou no processo de alfabetização presencial de crianças, uma vez que apenas o recurso tecnológico nos anos iniciais de ensino fundamental não tem garantido sucesso na aprendizagem, visto que, como reclamam os pais, crianças não conseguem realizar as atividades solicitadas sozinhas. Neste sentido, Martins e Almeida (2020), argumentam que não se pode esquecer que a escola é um lugar absolutamente insubstituível, pois a educação é um espaçotempo de formação forjado em convivência e conversas, pois acreditam que a educação on-line não é compreendida exclusivamente pelas tecnologias digitais, mas também pela interatividade, afetividade, colaboração, coautoria, aprendizagem significativa, avaliação adequada, mediação docente implicada, entre outros. E, dessa forma, alegam, buscam a visão de que se aprende qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas.

Discutindo mudanças e adaptações pedagógicas da rotina na pandemia, Santos (2021) reúne um conjunto de questões levantada por profissionais da educação que consistem em percepções relacionadas como se tornou importante a união da equipe educacional, que precisaram estabelecer uma relação de confiança e empatia entre a gestão escolar e cada um dos docentes. Aponta ainda que, embora muitos desses profissionais já trabalhassem com recursos digitais, utilizar tais tecnologias em casa foi extremamente desafiador, onde a adaptação se deu na troca e no compartilhamento de materiais determinantes através de aplicativos como o Whatsapp.

Ao questionar o que mudou na rotina do diretor na pandemia, Bimbati (2021) aponta uma questão muito importante: o Planejamento. Além de tratar o planejamento pedagógico, a autora traz questões relacionadas a como repensar os novos gastos fi-

nanceiros, onde aplica-los e o que precisará ser comprado. Por outro lado, a autora traz o questionamento sobre quais tipos de gastos a escola deverá fazer para atender às novas demandas de saúde e distanciamento ao retorno das aulas.

Por fim, Peres (2020) afirma que a pandemia, com certeza, provocou a possibilidade de se repensar modelos atuais de ensino. E alega que a gestão escolar deverá assumir uma proposta mais participativa e menos centralizadora, de maior proximidade com a comunidade escolar e pautada em princípios e valores éticos, sem deixar de lado os protocolos de saúde de alunos e profissionais da educação. Uma das maiores preocupações, alega por fim, deverá residir na obtenção de estratégias motivacionais. Entretanto, afirma que diante da nova situação socioeducacional, as adversidades referentes às gestões escolar e de sala de aula ainda não estão aparentes. Principalmente, concordamos, porque a pandemia ainda não está devidamente controlada no país, mesmo que um ano depois de sua eclosão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, a rotina do gestor escolar sempre sofreu com diversos desafios. Entretanto, com a explosão da pandemia causada pelo novo coronavírus, diversos outros problemas surgiram com os quais as escolas precisaram e precisarão se adaptar.

Dotta et al (2021) alega que, exitosas ou não, a relação entre a escola e a tecnologia durante a pandemia há de deixar um legado para a sociedade, com casos e casos a serem estudados e analisados. Afirmam também que, mesmo com o final da pandemia, a formação de professores dentro do mundo tecnológico precisa continuar, mas dessa vez, não será partindo do zero. Afirmam, por fim, que para a educação, o grande legado da pandemia é a divulgação sobre as carências e as necessidades do sistema educacional.

As especificações para as novas rotinas educacionais online ainda precisam ser aprimoradas, pensadas e executadas especificamente para cada nível educacional, visto que o cenário enfrentado é totalmente novo e onde antes encontrávamos uma transformação gradual, respeitando seu processo natural, hoje temos um leque de cuidados e restrições que ainda são estudados e avaliados, principalmente porque o próprio coronavírus têm passado por evolução produzindo novas cepas. Ainda que já estejam sendo produzidas e distribuídas vacinas, o Brasil mostra um lento desempenho de enfrentamento comparado a diversas partes do mundo. Nesse sentido, deve-se questionar como contornar as diferentes dificuldades dos níveis educacionais brasileiros? E quais serão as medidas assertivas a serem adotadas em um cenário de pós-pandemia? Afinal, “a gestão escolar deverá assumir uma proposta mais participativa e menos centralizadora, de maior proximidade com a comunidade escolar, pautada em princípios e valores éticos” (PERES, 2020, p. 10).

Principalmente porque, como afirma Peres (2020), dente todos esses questionamentos, o gestor também estará administrando as angustias e receios dos docentes que, na transição das salas de aula de presenciais para virtuais, “convivem com o despreparo na utilização de recursos tecnológicos para gravação de aulas, ou mesmo para a utilização de ferramentas para aulas em tempo real” (PERES, 2020, p. 5).

Além disso, “no mercado mundial, as desigualdades são agravadas, inclusive pelo desenvolvimento das tecnologias” (MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 12). Embora Martins e Almeida (2020) afirmem que as tecnologias utilizadas devem ser interfaces de construção conjuntas, de formas síncronas e assíncronas, o que potencializa os debates, o pensamento crítico, a criatividade e o fazer em conjunto, também alegam que “as reflexões sociais a respeito da experiência social imposta pela pandemia, a comunicação efetiva e amorosa, o currículo integrado com a realidade dos estudantes e atos de currículo multidisciplinares que reúnam professores” (MARTINS E ALMEIDA, 2020, p. 9) são projetos que possam ser realizados para encon-

trar soluções para problemas contemporâneos e tantas outras discussões necessárias para uma educação de qualidade, o que é essencial para a formação do cidadão que está pronto para lidar com o novo mundo.

Durante a produção deste artigo, a pandemia de COVID-19 não estava controlada no Brasil e medidas de restrição ainda eram necessárias. Dessa forma, é preciso considerar que inevitavelmente ainda passaremos por fortes mudanças e transformações, pois parte dessas consequências são desconhecidas. Assim, SILVA et al (2020) destacam a importância de políticas públicas voltadas para a necessidade social e econômica, além da evidente escassez de integração de recursos e cursos de aperfeiçoamento de educadores, frente às novas tecnologias. Os autores salientam, por fim, que para que isso aconteça, existe a necessidade de um esforço requerido ao Poder Público de todos os integrantes do processo educativo, ou seja, a gestão escolar, a coordenação pedagógica, os docentes, a família e a comunidade. É assim, afirmam, de forma democrática, recíproca e dinâmica que se deve trabalhar pela melhoria da qualidade de ensino no país.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Myrtes. Gestão escolar: revendo conceitos. São Paulo: PUC-SP, 2004.

BIMBATI, Ana Paula. O que mudou na rotina do diretor com a pandemia? Nova Escola. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/20215/o-que-mudou-na-rotina-do-diretor- com-a-pandemia>. Acessado em Acessado em: 12 de abri de 2021.

DA SILVA, Fábio Luiz; MUZARDO, Fabiane Taís; JARDIM, Tatiane Mota Santos. Gestão da Sala de Aula na Educação Básica: Estratégias Docentes para Viabilizar o Ensino. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, v. 16, n. 2, p. 152-155, 2015.

DOTTA, Silvia et al. Oportunidades e desafios no cenário de (pós-) pandemia para transformar a educação mediada por tecnologias. TE & ET, 2021.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade. Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n. 1, p. 117-131, jan./jun. 2008. Disponível

em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1176/1187. Acesso em: 29 mar. 2021.

FRANÇA, Luísa. As principais funções do coordenador escolar. Par - Plataforma Profissional, 2018. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/as-principais-funcoes-do-coordenador- escolar/>. Acesso em: 18 de mar. de 2021.

LÜCK, Heloisa. Gestão escolar e suas competências. Palestra proferida no programa Em Foco (Brasil), jun. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ii67fV1Wp74. Acesso em: 18 de mar. 2021.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia no Brasil: Saberesfazeres escolares em exposição nas redes. Revista Docência e Cibercultura, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. Educação & Sociedade, v. 28, n. 100, p. 1037-1057, 2007.

OLIVEIRA, Juscilene da Silva; GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. O papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar. Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues, v. 1, n. 1, p. 95-103, 2013.

PERES, Maria Regina. Novos desafios da gestão escolar e de sala de aula em tempos de pandemia. Revista Administração Educacional: Recife-PE, V.11 N. 1 p. 20-31, jan-jun/2020.

PRATA, Carmem Lúcia. Gestão escolar e as tecnologias. ALONSO, Myrtes; ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; MASETTO, Marcos Tarciso, 2010.